**DIVERSIDADE CULTURAL: diálogos com crianças sobre relações de gênero**

*Cristiane Pereira de Souza Francisco[[1]](#footnote-1)*

*Luana Zanotto[[2]](#footnote-2)*

**EIXO TEMÁTICO:** Gênero, raça e cidade.

**RESUMO**

Nosso objetivo foi apresentar os diálogos de uma roda de conversa com crianças do primeiro ano do ensino fundamental a respeito de Diversidade Cultural, que para as mesmas se transparece em discussões a respeito de relações de gênero. O ato de pesquisar com crianças permite desvendar um universo que nos parece muitas vezes conhecido, porém apenas o enxergamos pela perspectiva do adulto e, nesta pesquisa, nosso intuito foi exatamente o de valorizar suas falas e as proporcionar uma escuta atenta, para compreender o que as mesmas julgam relevante e pertinente no que tange a Diversidade Cultural.

Palavras-Chave: Pesquisa com crianças, Diversidade Cultural, Relações de Gênero, Educação Física Escolar.

**INTRODUÇÃO**

Passamos a olhar para as crianças como pessoas importantes e não mais miniaturas de adultos ou algo que virá a ser um dia o adulto. Mesmo com a concepção de Sociologia da Infância existente desde os séculos XVII e XVIII, foi apenas a partir da década de 1990 que essa forma de olhar para as crianças começou a ganhar força, expandindo a investigação sobre elas para além da psicologia do desenvolvimento e da pedagogia. Assim, as discussões passaram por diversas áreas da ação social, devido à relevância que a infância adquiriu nos últimos tempos (SARMENTO; PINTO, 1997). Descobrimos o bem precioso que as crianças são, uma vez que, em uma sociedade na qual não existam crianças, não existirão adultos e, por consequência, a sociedade se extinguirá. Desse modo, estudá-las passou a ser algo recorrente dentro das universidades e a forma como essas pesquisas vêm sendo desenvolvidas também se modificou.

Após décadas de silenciamentos, aquelas que antes eram consideradas passivas com relação ao trato com a cultura e a sociedade ganham espantosa ascensão; ampliou-se o número de interessados em saber o que as crianças pensam e por que pensam. A questão central é realmente partir de uma escuta atenta às crianças e deixá-las falar, para que se sintam com voz ativa. Outra questão importante é dizer que se faz pesquisa com crianças e, no final, buscar apenas responder as suas inquietações, direcionando e padronizando as respostas dadas por elas, fazendo assim uma pesquisa sobre crianças. A linha entre essas questões torna-se muito estreita e perigosa, quando se delimita uma pesquisa com as crianças, exigindo muita atenção e, às vezes cautela, por parte do pesquisador, para realmente capturar as vozes infantis e não aquilo que ele acha ou julga ser característico desse grupo.

Diante disso, a infância é compreendida por nós para além da dimensão biológica com idades que definem seu início ou término. Compreendemos que a infância existe porque sempre existiu e sempre existirão crianças e estas devem ocupar o lugar de “agentes sociais, ativos e criativos que produzem suas próprias e exclusivas culturas infantis, enquanto, simultaneamente, contribuem para a produção das sociedades adultas” (CORSARO, 2011, p. 15). A infância assume, assim, o papel de parte integrante da sociedade ou “forma estrutural”, como é chamada por Corsaro (2011, p. 15). Desse modo, a infância é constante na sociedade, mesmo que, para ela, seja um período temporário, no qual “afetam e são afetadas pela sociedade” (CORSARO, 2011, p. 16).

Nesse jogo de afetar e ser afetada, as crianças interpretam e dão sentido ao mundo que as rodeia, construindo, de forma coletiva, seus próprios mundos e culturas de pares. As crianças produzem e participam de suas culturas de pares, e essas produções são incorporadas na teia de experiências que elas tecem com outras pessoas por toda a sua vida. Portanto, as experiências infantis nas culturas de pares não são abandonadas com a maturidade ou desenvolvimento individual; em vez disso, elas permanecem parte de suas histórias vivas como membros ativos de uma determinada cultura (CORSARO, 2011, p. 39).

Para que essas culturas de pares que constituem o desenvolvimento das crianças com relação a se apropriar e pertencer à sociedade emerjam, se faz necessária a ocorrência de interações em outros locais institucionais que não a família; lugares estes que permitam a interação com outras crianças e adultos que não os do seu convívio cotidiano (CORSARO, 2011).

Partindo da necessidade das interações para que as crianças se desenvolvam, compreendemos que a escola seja um local que possibilita a essas interações. A escola de Educação Básica é espaço coletivo de convívio, onde são privilegiadas trocas, acolhimento e aconchego para garantir o bem-estar de crianças, adolescentes, jovens e adultos, no relacionamento entre si e com as demais pessoas. É uma instância em que se aprende a valorizar a riqueza das raízes culturais próprias das diferentes regiões do País que, juntas, formam a Nação (BRASIL, 2013, p. 25).

A escola torna-se um contexto para as crianças, no qual terão acesso a outras pessoas que não as de seu convívio familiar, diversificando as possibilidades de interações, importantes para produzir saberes e conhecimentos. É a escola também que vai acolher as crianças no caso desta pesquisa e, nela que investigamos como as crianças se enxergam dentro do contexto de Diversidade Cultural que a escola lhes proporciona.

O olhar desta pesquisa detém-se à compreensão de como se dão as relações de gêneros entre as crianças mediante situações do cotidiano das aulas de Educação Física Escolar. Será que elas ganham evidencias para as crianças assim como para muitos adultos que dividem o mundo em ‘rosa de menina’ e ‘azul de menino’? Será que o sexo biológico é o que prevalece e repercute na hora do brincar?

Mediante a essas questões elencamos como objetivo: identificar e compreender quais são as relações de gêneros relevantes para as crianças a partir de uma roda de conversa dentro da escola e em contexto de aulas de Educação Física.

**TRAJETÓRIA METODOLÓGICA**

Esta pesquisa seguiu os princípios da abordagem qualitativa, pois visava estudar o fenômeno no contexto em que ele ocorre, característica marcante desse tipo de abordagem como afirmam Bodgan e Biklen (1994).

Ressaltamos que o presente estudo foi realizado com crianças, portanto, os procedimentos metodológicos empregados na qualidade de pesquisa com adultos necessitaram de adequação, o que não é tarefa fácil, quando se visa às crianças como participantes e protagonistas do processo da pesquisa. Portanto a mesma foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos, mediante o Parecer de número 1.830.561 (processo n. 58835916.0.0000.5504).

Participaram da pesquisa 16 crianças, devidamente matriculadas no 1º ano do Ensino Fundamental de uma escola estadual do município de Araraquara, interior do Estado de São Paulo, Brasil.

Utilizamos como método para a construção das informações as rodas de conversa que tinham por contextos as vivências ocorridas nas aulas de Educação Física, os registros destas foram em diário de campo.

Para a análise dos dados utilizamos à ótica da hermenêutica-dialética descrita por Minayo (1996). Segundo Minayo (1996), a análise hermenêutica-dialética tenta ir além de uma mera técnica metodológica, posto que possui flexibilidade para interpor recursos tanto da análise de conteúdo quanto da análise do discurso. Enquanto a hermenêutica na sua versão contemporânea engloba nas suas interpretações os escritos e as formas verbais e não verbais de comunicação, a dialética trás o pensamento crítico com base no aporte teórico utilizado durante a realização da pesquisa.

**ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS**

A diferença de gênero, segundo Sousa (1994), é uma compreensão cultural, que acaba por descrever a mulher por sua fragilidade e o homem por sua força. Isso é perceptível nos elogios utilizados para meninos e meninas, que não são iguais. Mas, essa compreensão é devida à redução do entendimento apenas por distinções de caráter biológico, assim como os termos “sexo” ou “diferença sexual”, quando deveria remeter as construções sociais, históricas, culturais e políticas, que dizem respeito às disputas materiais e simbólicas envolvendo a formação da identidade de cada um.

Esse questionamento não surge aleatoriamente, pois a escola, em sua história não tão antiga, mostra uma educação rígida, nos primórdios muitas vezes machistas. Até 1758, a escola era privilégio dos homens, o que excluía totalmente as mulheres de uma formação intelectual. Acreditava-se que as mulheres deveriam ser recatadas e formadas dentro de suas casas apenas para os afazeres domésticos. Em meados do período imperial e início do período republicano, esse pensamento começou a mudar e as mulheres puderam estudar, mas ainda com uma visão machista que dominava os ambientes escolares, assim como outros ambientes da sociedade da época (MIGUEL; CORRÊA, 2005).

Essa dominação fica mais evidente quando analisamos particularmente o componente curricular Educação Física, que exigia uma disciplina corporal e separava meninos de meninas em suas práticas, refletindo o que ocorria no restante da instituição escolar, onde existiam turmas separadas.

Essa dicotomia entre masculino e feminino transparece no momento do brincar. Seria ela resquício de uma Educação Física que separa meninos e meninas de sua prática? Ou seria a materialização de um mundo capitalista que divide as crianças em um mundo rosa e um mundo azul?

(Contexto: o tema dessa roda de conversa foi gênero. Nesse momento da conversa, surge a questão de que por brincar de certa brincadeira, o menino deixa de ser menino e passa a ser menina).

Professora/pesquisadora: - Mais alguma situação, alguém lembra que tenha acontecido na aula?

Flash[[3]](#footnote-3): - Não (gritando).

Supersonic continua em pé, fora da visão da filmadora, mesmo após a Professora/pesquisadora ter pedido para ele sentar. Thiaguinho está sentado de costas para o centro da roda, olhando em direção ao Supersonic. Hulk boceja, olhando em direção à filmadora.

Professora/pesquisadora: - Aconteceu alguma... (foi interrompida e sua fala justaposta pela de Nicole).

Nicole: - Acho que um menino tinha xingado uma menina, mas não me lembro.

Professora/pesquisadora: - Mas aí ele xingou ela do quê? De menina?

Flash: - Não, de menino (e sorri olhando em direção à Professora/pesquisadora que estava olhando em direção à Nicole).

Nicole: - Não, a menina tinha xingado por causa que... no dia que a gente queria brincar de Rio Vermelho, uma menina, eu acho que ela disse... Eu não lembro quem era, mas algumas aqui (fala olhando em direção à Alexandra) falaram que menino que brinca de Rio Vermelho é mulher.

Flash: - Mas é mesmo.

Professora/pesquisadora: - Aaaa... mas Rio Vermelho é uma brincadeira de menino ou de menina?

As crianças respondem em coro dos dois, principalmente as meninas e inclusive o Flash. Professora/pesquisadora tem uma série de tosse enquanto as crianças falam.

Professora/pesquisadora: - Se é dos dois, tinha sentido ela ofender, falando que ele era menininha por estar brincando de rio vermelho?

Nicole: - Eu não acho errado não, eu acho certo.

Professora/pesquisadora: - Mas peraí... Você não acha errado ela xingar ou você não acha errado ele brincar?

Nicole: - Eu acho certo ele brincar e acho errado ela xingar.

(TRANSCRIÇÃO VI – RODA DE CONVERSA 08/05/2017).

Nessa relação, consideramos a influência da Educação Física, pois já se empregou um modelo que estabelecia o seguinte: “[...] enquanto os meninos marchassem ao sol, as meninas executariam suaves movimentos à sombra [...]” (SOUSA, 1994, p. 208). Ou ainda, como descrevem Castellani Filho (2007) e Pacheco e Cunha Júnior (1996), durante o higienismo, a atividade física não era recomendada para mulheres, pois estas eram vistas e consideradas fisicamente frágeis. No mundo capitalista, baseados no consumismo e na produção de brinquedos para as crianças, a grande maioria possui essa divisão e também se utiliza das cores rosa e azul para diferenciá-los. A pergunta da pesquisadora deixa as crianças confusas, pois parte exatamente da dicotomia entre masculino e feminino, traduzida para o contexto deles como “brincadeiras de meninos” e “brincadeiras de meninas”.

(Contexto: o tema dessa roda foi gênero. Neste momento da conversa, surge o debate sobre brincadeiras de meninos e brincadeiras de meninas).

Professora/pesquisadora: - Vocês acham que existe alguma brincadeira só de menino ou só de menina?

Flash: - Boneca para menina.

Nicole: - Boneca para a menina e boneco para o menino.

As crianças começam a falar todas juntas.

Flash: - Boneca para as meninas e carrinho para os meninos.

Professora/pesquisadora: - Peraí, deixa a Alexandra falar.

Alexandra: - Menina também pode brincar de carrinho, eu brinco com meu irmão.

Professora/pesquisadora: - Mas tá...o Superman concordou com você, foi isso que eu entendi que ele também falou. Mas menino não brinca de boneca?

Flash: - Não (gritando).

Nicole: - Brinca sim, meus primos brincam comigo.

Alexandra: - Brinca sim.

Professora/pesquisadora: - Brinca ou não brinca, Flash?

Flash: - Brinca.

Professora/pesquisadora: - Mas peraí, você acabou de falar que boneca era para menina e carrinho era pra menino.

Thiaguinho olha na direção da Professora/pesquisadora e começa a rir. Flash abaixa a cabeça e balança de um lado para o outro. Superman olha na direção de Flash e sorri.

Professora/pesquisadora: - E aí?

Flash olha para frente e sorri, assim como Superman e Thiaguinho.

Professora/pesquisadora: - O que você acha, Hulk? (que estava do outro lado em relação à Professora/pesquisadora, parecendo não estar prestando atenção na conversa).

Miguel: - Hoje o Hulk não falou nada.

Professora/pesquisadora: - Boneca é de menina, carrinho é de menino, ou é para os dois?

Flash: - Dos dois.

Miguel: - Dos dois.

Professora/pesquisadora: - Ah, agora seu nome é Hulk! (fala olhando em direção à Flash).

(TRANSCRIÇÃO VI – RODA DE CONVERSA 08/05/2017).

Ao realizar a pergunta sobre meninas ou meninos brincarem de boneca, colocamos as crianças para afirmar ou contestar suas convicções. Quando não damos uma resposta por meio da binariedade sim ou não, afirmando ou negando algo e, além disso, lançamos novamente a pergunta, utilizando um desses termos em caráter de dúvida, as crianças parecem se perguntar internamente qual seria a melhor resposta. Algumas delas, como Flash, Superman e Thiaguinho, pelo ato de sorrir após dizerem “os dois”, parecem dizer que, assim como dizem o que se espera que digam (algo politicamente correto), seu íntimo parece dizer o oposto, reafirmando suas convicções apresentadas nas primeiras falas: brincar de boneca era algo só de menina. Assim, observamos uma resposta que repete o que a escola prega e não o que eles acreditam, indo ao encontro de Abramowicz e Levcovitz (2005).

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Para além de uma questão relacionada ao que é ou não de menino, tão logo masculino, ou o que é ou não de menina, tão logo feminino, buscamos debater o incutir nas pessoas a questão das relações de gênero, para além de uma discussão biologista e restrita a questão das genitálias. Assim, colocamos em discussão a questão do respeito ao do outro e das possibilidades de igualdade indiferente a ser menino (masculino) ou menina (feminino).

A Diversidade Cultural, neste sentido, apareceu nas conversas das crianças sobre brincadeiras de meninos e de meninas que, no fundo, decorrem das relações de gênero e seus marcadores sociais da diferença acabam por determinar o que é de menino e o que é de menina, quando na verdade podem e devem ser dos dois.

Apesar de tal vertente da Diversidade Cultural não emergir única e exclusivamente do contexto das aulas de Educação Física Escolar, elas acabam refletindo ações e pensamentos nesse contexto, gerando inúmeras possibilidades de discussão e utilização com problematização para as aulas. Basta os professores estarem dispostos a ouvir seus alunos.

**REFERÊNCIAS**

ABRAMOWICZ, A.; LEVCOVITZ, D. Tal infância. Qual criança. In: ABRAMOWICZ, A.; SILVÉRIO, V. R. **Afirmando diferenças**: montando o quebra-cabeça da diversidade na escola. Campinas: Papirus, 2005.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em Educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto Editora, 1994.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica**. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.

CASTELLANI FILHO, L. **Educação Física no Brasil**: a história que não se conta. 13. ed. Campinas: Papirus, 2007.

CORSARO, W. A. **Sociologia da Infância**. Tradução de L. G. R. Reis. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2011.

MIGUEL, M. E. B.; CORRÊA, R. L. T. A (Orgs.). **Educação Escolar em Perspectiva Histórica.** Campinas: Autores Associados, 2005.

MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento**. Pesquisa qualitativa em saúde. 4. ed. São Paulo: Hucitec-Abrasco, 1996.

PACHECO, A. J. P.; CUNHA JÚNIOR, C. F. F. **A produção do conhecimento na Educação Física/Esporte da década de 1930 no Brasil em busca de resistências às concepções higienistas e eugênicas sobre a mulher**. Coletânea – IV – Encontro Nacional de História do Esporte, Lazer e Educação Física. Belo Horizonte, 1996.

SARMENTO, M. J.; PINTO, M. As crianças e a infância: definindo conceitos, delimitando o campo. In: PINTO, M.; SARMENTO, M. J. **As crianças:** contextos e identidades. Braga: Centro de Estudos da Criança, 1997.

SOUSA, E. S. **Meninos, à marcha! Meninas, à sombra! A história da Educação Física em Belo Horizonte (1897-1994)**. 1994. 265 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1994.

1. Professora de Educação Física, Doutoranda em Educação (Universidade Federal de São Carlos - UFSCar). Diretora de escola da rede estadual de São Paulo. São Carlos, SP, Brasil. Contato: kriskathi@hotmail.com [↑](#footnote-ref-1)
2. Professora de Educação Física, Doutoranda em Educação (Universidade Federal de São Carlos - UFSCar). São Carlos, SP, Brasil. Contato: luanazanotto@yahoo.com.br. [↑](#footnote-ref-2)
3. Os nomes das crianças são fictícios e foram escolhidos por elas mesmas. [↑](#footnote-ref-3)